

## 1º PAINEL

# Como vencer a instabilidade

CONVIDADOS DEBATEM SOBRE A EXPOSIÇÃO DE FERNANDO HENRIQUE

**Deputado Eduardo Jorge (PT-SP)** — Eu quero observar um ângulo que não foi muito explorado: qual é a situação, como estão vivendo os trabalhadores, as parcelas mais pobres desses países? No Primeiro Mundo 2/3 da renda vão para o trabalho e 1/3 para o capital. A Venezuela está indo na direção contrária: em 1969 essa divisão era de 51,5% para o trabalho e 48,5% para o capital; em 90 era de 35,1% trabalho e 64,9% capital. No Brasil isso também está acontecendo: em 1980 eram cerca de 50% para o trabalho e 50% para o capital. Nós estamos evoluindo atualmente para 70% do capital e 30% do trabalho.

A primeira questão a enfrentar nesse problema da integração internacional, dessa nova onda de revolução industrial, é que nós vamos ter que ter competitividade para nos integrar. Agora essa competitividade se faz pela exposição ao "supremo Deus do mercado"? Eu não acho. Tem que ter alguns passos para se capacitar. Uma das prioridades absolutas é a educação, como alavanca-mestra. E a modernização das relações de trabalho. Sem isso a indústria vai ficar estagnada, porque a criação depende de liberdade, para todos.

**Oliveiros S. Ferreira (jornalista)** — Eu chamaria atenção para um aspecto importante que não foi tocado: o crescimento populacional. Eu costumava dizer aos meus alunos na faculdade que nós estamos vivendo uma revolução que o PT nunca descobriu, que o Fernando Henrique nunca teorizou sobre. Nós crescemos durante muitos anos — em algumas décadas, mais de 2% ao ano. E não fizemos os investimentos necessários para criar empregos para manter exatamente a mesma miséria — eu não digo investimentos para melhorar a condição de vida.

Isso vai bater no Estado, vai bater na educação, na saúde, em tudo. Se nós não atentarmos em fazer um planejamento tendo em vista o crescimento populacional, nós vamos daqui a dez anos estar falando que cresceu o número de casas, que todo mundo comprou, que a água aumentou. E a situação será a mesma.

**Senador José Fogaça (PMDB-RS)** — Todos os países que venceram a instabilidade econômica utilizaram um ingrediente solidamente político. Excluir a política na ditadura é fácil, como fez o general Pinochet: 30% de desemprego, 15% de queda do PIB, quebra de empresas — é fácil quando o presidente da República tem uma metralhadora na mão.

Eu quero ver governar demo-

cesso político das nações agrícolas, como o Brasil, num jogo de subsídios violentos. Aí entra o avanço científico, tecnológico — sem intervir no mercado, mas orientando o processo produtivo, submetendo os seus institutos a avanços tecnológicos.

Neste momento que nós estamos vivendo, só há uma solução: a união dos objetivos. Porque já verificamos que o povo cansou de tanta política, quer trabalho; não quer saber que na Grande São Paulo temos mais de 1 milhão de desempregados; se lá no Chile poderíamos ter 30% de desempregados. No Brasil o número de 7% é elevadíssimo, porque aqui existe ainda a pobreza absoluta. Então o remédio do Chile não serve para o Brasil. Não seria este o momento de fortalecermos de forma concreta, o mercado interno, melhorando as condições de ganho da população? Porque perdendo o mercado interno, nós perdemos a sustentação no mercado externo.

**Fernando Henrique** — Temos a pulverização partidária. Isso foi assim na Argentina também. Mas na Argentina ganharam os peronistas e deram uma carta branca ao presidente. No Chile não ganhou ninguém e fizeram um acordo. Por isso eu comecei dizendo aqui que socialistas e democratas-cristãos fizeram um acordo. E eu não me canso de falar numa palavra desgastada: "entendimento". Por que? Porque tem de haver um entendimento. E esse entendimento tem que ser ao redor de um programa, uma agenda mínima.

Embora estruturalmente haja condições de saída, nós (e não estou me excluindo) estamos todos patinando. É verdade também que a liderança do governo não tomou no Congresso as medidas necessárias. O sistema político está doente, se não romper esse nó górdio não sai nada. No México era mais fácil, na Argentina ganhou a maioria nítida, no Chile não tinha maioria e fizeram um acordo. Aqui, ou nós fazemos esse acordo (e em termos gerais todo mundo está de acordo), porque o que ouvi do Eduardo Jorge não discrepa substancialmente do que os outros disseram e se nós ouvimos um representante do governo aqui também não discreparia fundamentalmente, então por que não fazer? De minha parte eu faço o possível e o impossível para fazer (não sou o único no Senado) e não tenho a menor preocupação se o projeto vem do governo ou vem de onde vier; se vem do PT ou do governo. Aliás, devo dizer que a informática só saiu como saiu porque houve um acordo do PT com o PSDB e com o governo.



A mesa do primeiro painel: experiências de pacto em debate.

craticamente, com liberdade de manifestação, de organização sindical, de reação organizada da sociedade. O caso da Espanha é rigorosamente típico: a guerrilha, o terrorismo, a instabilidade foram vencidos pelo ingrediente político, por um acordo social, econômico e político gestado por lideranças com cre-

dibilidade. E não é diferente a situação do México. Lá o presidente criou os fundamentos para o pacto de solidariedade econômica, que já foi revisto sucessivas e inúmeras vezes.

**Deputado Fábio Meirelles (PDS-SP)** — Temos que concluir de forma simples que nenhuma economia da América

Latina pode se configurar como exemplo para este ou aquele país. São economias complexas e que se diferenciam até na cultura e nos costumes. No mundo, hoje, o que não está ocorrendo é a produção com qualidade e produtividade. Basta ver a luta entre os Estados Unidos e a Comunidade Européia, sufocando o pro-